

Lacaton & Vassal com a **arq./a***«O luxo é um valor de excepção»*LUÍS SANTIAGO BAPTISTA
MARGARIDA VENTOSA

arq./a: É a utilização da estufa uma apropriação de um dispositivo económica e climaticamente eficiente, ou uma crítica ao arquitecto como criador de formas?

Lacaton & Vassal: Associadas aos espaços habituais e tradicionais, as estufas permitem construir grandes áreas mantendo as características do espaço e um clima perfeito, devido à sua concepção, às suas características técnicas, aos materiais que as compõem e ao seu custo. As estufas hortícolas são produtos *standard* dotados de uma tecnologia simples, mas muito eficaz que permite criar ambientes interiores bastante controlados. Pode criar-se de forma natural um ambiente interior muito agradável, utilizando o clima exterior. As estufas originam também espaços de muita beleza, luminosos e transparentes, nos quais podemos controlar totalmente a luz e a ventilação através de grandes aberturas e dos sistemas de ensombramento. É um espaço extra, com uma atmosfera muito diferente das outras áreas tradicionais. Juntá-las a um espaço mais clássico confere à habitação um grande melhoramento, no que refere o ambiente e a temperatura. Esta combinação é para nós indispensável, para proporcionar mais qualidade. As estufas são também espaços «energéticos» numa abordagem bio-climática. Captar os raios solares para deles produzir calor, no Inverno, e ventilação fresca no Verão. São mecanismos simples mas eficazes no que se refere ao conforto térmico e à economia de energia. Mas é mais que isso. A estufa é também um espaço para habitar no seu todo. O que conseguimos fazer com as estufas mostra de forma evidente a liberdade de apropriação que oferecem.

Lacaton & Vassal desenvolvem uma prática singular no panorama arquitectónico contemporâneo. Em tempos de exacerbação formalista, esta dupla francesa explora uma abordagem estruturalmente informal. Se, por um lado, encontram no recurso directo e criativo à estufa um modo de distanciamento das dominantes preocupações formais, por outro, demonstram uma abertura libertadora à informalidade natural da apropriação dos seus espaços pelos futuros utilizadores.

arq./a: Afirmaram: “No limite o luxo não está relacionado com dinheiro. O luxo é aquilo que supera as expectativas iniciais”. É a qualidade da arquitectura proporcional à sua simultânea dimensão pragmática e experimental?

L&V: O luxo é um valor de excepção. É aquilo que torna uma situação muito mais interessante, muito mais qualitativa. É tudo o que se pode acrescentar a uma situação normal e que dá mais prazer. Ter um espaço duas vezes maior para morar ou, simplesmente, uma vista fantástica... Existe em cada projecto qualquer coisa que podemos agarrar e levar ao extremo. Existe em cada situação uma oportunidade de luxo que não está ligada ao preço.

arq./a: Em termos gerais, como descreveriam o papel do cliente no desenvolvimento do projecto e dos futuros utilizadores na apropriação do edifício?

L&V: Existem situações em que trabalhamos directamente com o utilizador, mas o mais frequente é este não ser conhecido no momento do projecto, chegando depois. Este facto não nos deve impedir de considerar que a arquitectura se destina a ser habitada e da grande importância do utilizador. A arquitectura deve deixar espaço para o habitante (o utilizador) para que ele se aproprie do espaço e o ocupe da forma ideal. Nos projectos damos uma atenção especial aos habitantes. Pensar o projecto do interior parece-nos essencial. ■



Escola de Arquitectura de Nantes, França, 2008-



Renovação de Bloco Habitacional de Paris, França, 2008-

Fotos: Lacaton & Vassal Architects